

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**O PAPEL MEDIADOR DA COERÇÃO FÍSICA, DA  
LIGAÇÃO E DA REGULAÇÃO NA RELAÇÃO ENTRE  
ATRIBUIÇÕES PARENTAIS E PROBLEMAS DE  
INTERNALIZAÇÃO DAS CRIANÇAS**

**Adriana Filipa Rodrigues Nunes**

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**

**(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde / Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica)**

**2016**

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**O PAPEL MEDIADOR DA COERÇÃO FÍSICA, DA  
LIGAÇÃO E DA REGULAÇÃO NA RELAÇÃO ENTRE  
ATRIBUIÇÕES PARENTAIS E PROBLEMAS DE  
INTERNALIZAÇÃO DAS CRIANÇAS**

**Adriana Filipa Rodrigues Nunes**

Dissertação orientada pela Professora Doutora Marta Pedro

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**

**(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde / Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica)**

**2016**

## **Agradecimentos**

Em primeiro lugar, quero expressar os meus maiores agradecimentos à minha orientadora Professora Doutora Marta Pedro pelo apoio contínuo, por todos os ensinamentos, por toda a paciência, por nunca desistir, por me motivar sempre.

À Mariana, pelo apoio e disponibilidade constantes.

Às professoras Doutoradas Carla Crespo, Maria Teresa Ribeiro, Rita Francisco e Isabel Narciso, por todos os ensinamentos transmitidos, por contribuírem para um percurso académico tão feliz.

À minha família, pelo apoio e carinho. Em especial aos meus pais, pela confiança, por me encorajarem sempre, por todo o apoio e dedicação.

Ao Marcelo, por toda a paciência, por todo o apoio e carinho.

À Catarina, pela motivação constante, por me ajudar a sorrir sempre.

Aos meus amigos, por tudo aquilo que cada um me deu e que tornou este desafio mais fácil de superar.

A todos os que contribuíram para a realização desta dissertação, um enorme agradecimento.

## Resumo

O presente estudo teve como principal objetivo analisar o papel mediador das práticas parentais na relação entre as atribuições parentais e os problemas de internalização da criança. Neste estudo participaram 88 pais adultos ( $M = 38.56$ ;  $DP = 5.95$ ), com pelo menos um filho entre os 6 e os 12 anos, da zona Centro e de Lisboa e Vale do Tejo. Os participantes preencheram questionários de autorrelato. Avaliou-se as atribuições parentais (*Parent Cognition Scale*), as práticas parentais (*Parenting Styles and Dimensions Questionnaire*) e os problemas de internalização dos filhos (*Questionário de Capacidades e de Dificuldades – SDQ*). Aplicou-se ainda um questionário sociodemográfico. Os resultados indicaram que tanto as atribuições parentais focadas na criança como as focadas no adulto se encontravam relacionadas com a regulação, mas apenas as atribuições focadas na criança se associavam com a coerção física e atribuições focadas no adulto com a ligação. Observaram-se ainda efeitos diretos entre as atribuições parentais focadas no adulto e os problemas de internalização (efeito negativo) e as atribuições parentais focadas na criança e os problemas de internalização (efeito positivo). Relativamente aos efeitos de mediação, verificou-se que a coerção física mediava a relação entre as atribuições parentais focadas na criança e os problemas de internalização. O presente estudo evidencia a importância da investigação ao nível das atribuições parentais e o seu impacto no desenvolvimento da criança. Compreendendo-se o impacto das práticas parentais nesta relação, uma intervenção ao nível das mesmas poderá ajudar a romper padrões disfuncionais.

**Palavras-chave:** Atribuições parentais, práticas parentais, problemas de internalização, crianças.

## **Abstract**

The present study analyzed the parental attributions and child internalizing problems, through the mediating role of certain parenting practices.

The participants were 88 adult parents ( $M = 38.56$ ,  $SD = 5.95$ ), with at least one child between 6 and 12 years, from the Central region, Lisbon and Vale do Tejo. Participants completed self-report questionnaires about parental attributions (Parent Cognition Scale), parenting practices (Parenting Styles and Dimensions Questionnaire) and children internalizing problems (Strengths and Difficulties Questionnaire - SDQ), and also completed a sociodemographic questionnaire.

The results showed that both the child-responsibility attributions and parent-causal attributions are associated to the regulation. Child-responsibility attributions are also associated with physical coercion and parent-causal attributions with regulation. Also, both parental-causal attributions and child-responsibility are associated with child internalizing problems, but the first negatively and the second positively. Finally, were found that physical coercion plays a mediation role in the relationship between child-responsibility attributions and child internalizing problems.

This study emphasizes the importance of research in terms of parental attributions and their impact on child development. Understanding the impact of parenting in this relationship, an intervention on parenting may help breaking dysfunctional patterns.

**Keywords:** Parental attributions, parenting, internalizing problems, children.

## Índice Geral

Introdução .....	2
Enquadramento Teórico .....	4
Método.....	12
Participantes.....	12
Procedimento .....	12
Instrumentos.....	13
Análises Estatísticas.....	15
Resultados.....	16
Discussão .....	20
Referências Bibliográficas.....	32

## Anexos

Anexo A – Consentimento Informado.

Anexo B – Instrumentos aplicados.

## **Introdução**

Relvas (2004), afirmou o seguinte:

Todos sabemos o que é a família, como funciona, quais os seus principais problemas e competências. (...). No entanto, sentimento e conhecimento (pessoal e científico) fazem-nos encarar a família como um emaranhado de noções, questões e, mesmo, de contradições e paradoxos.

A relação pais-filhos é uma relação complexa e de enorme foco na literatura.

Diversas investigações têm sido levadas a cabo de modo a compreender mais claramente esta relação, nomeadamente, quais as variáveis que contribuem para um padrão disfuncional. A compreensão destas mesmas variáveis, e do seu real impacto que exercem, constitui-se como um contributo significativo para eventuais intervenções, de modo a ajudar a romper com padrões disfuncionais.

A literatura existente indica uma relação entre atribuições parentais e problemas de internalização na criança (e.g., Colalillo, Miller, & Johnston, 2015; Johnston, Hommersen, & Seipp, 2009; Nelson, O'Brien, Calkins, & Keane, 2013; Werner, 2012; Williamson & Johnston, 2015). Do mesmo modo, há também evidências da relação entre atribuições parentais e práticas parentais (e.g., Bugental, Blue, & Cruzcosa, 1989; Bugental, Lewis, Lin, Lyon, & Kopeikin, 1999; Larrance & Twentyman, 1983; Snarr, Slep & Grande, 2009), bem como entre práticas parentais e problemas de internalização da criança (e.g., Ge, Best, Conger, & Simons, 1996; Olivari, Tagliabue, & Confalonieri, 2013; Roopnarine, Jin, & Krishnakumar, 2014). Ainda assim, não se conhece, até à data, nenhum estudo que investigue o efeito mediador de práticas parentais na relação entre as atribuições parentais e os problemas de internalização da criança. Para além disso, o foco da literatura incide maioritariamente, por um lado, em problemas de

externalização da criança e, por outro, em práticas parentais negativas. Assim, a presente investigação pretende colmatar algumas lacunas existentes na literatura e aumentar o conhecimento acerca destas relações, que parecem exercer um impacto significativo no desenvolvimento de pais e filhos.

Este estudo insere-se num projeto mais amplo, intitulado “Trajetórias Parentais (In)Adaptativas em Contextos de Vulnerabilidade”. Tem como objetivo geral investigar o papel de determinadas práticas parentais na relação entre as atribuições parentais e os sintomas emocionais das crianças, sendo este um estudo quantitativo, correlacional e transversal.

Seguidamente, apresentar-se-á a dissertação no formato de artigo científico para possível publicação futura.



## **Enquadramento Teórico**

A relação entre as atribuições parentais e problemas de externalização dos filhos tem sido fortemente estudada em populações clínicas e não clínicas, bem como em diversas faixas etárias (Colalillo, Miller, & Johnston, 2015). Mais concretamente, a investigação tem demonstrado que as atribuições parentais focadas na criança se encontram associadas a um maior número de problemas de externalização nos filhos (e.g. Johnston, Hommersen, & Seipp, 2009; Nelson, O'Brien, Calkins, & Keane, 2013; Werner, 2012; Williamson & Johnston, 2015). Contudo, a relação entre as atribuições parentais e os problemas de internalização dos filhos tem sido estudada apenas mais recentemente, sendo ainda escassos os estudos (Colalillo, Miller, & Johnston, 2015). Neste sentido, uma melhor compreensão da relação entre atribuições parentais e problemas de internalização considera-se relevante por várias razões. Em primeiro lugar, estima-se que cerca de 25% das crianças vão experienciar problemas de internalização até aos dezoito anos (McLeod, Weisz, & Wood, 2007). Por outro lado, as necessidades das crianças com perturbações de internalização não são, por vezes, tidas em conta, uma vez que os sintomas apresentados são menos reconhecidos pelos outros, havendo evidências de que as mães tendem a sobrestimar os problemas de externalização dos filhos e a subestimar os problemas de internalização (Clarke-Stewart, Allhusen, McDowell, Thelen, & Call, 2003). Por fim, a presença de sintomas depressivos em criança funciona como preditor de depressão e ansiedade em jovens adultos, salientando a necessidade de se identificarem fatores associados a este tipo de problemática (Aronen & Soininen, 2000).

### **Atribuições Parentais e Problemas de Internalização da Criança**

As atribuições que os pais fazem para justificar determinado comportamento dos seus filhos são designadas de atribuições parentais. As atribuições parentais são

espontâneas e ajudam a guiar as práticas parentais, tendo impacto no ajustamento dos filhos (Bornstein, Putnick, & Lansford, 2011). As atribuições que os pais fazem em relação a determinado comportamento da criança podem assentar em causas internas ou externas, estáveis ou instáveis, controláveis ou não controláveis, pela criança ou pelos pais (Colalillo, Miller, & Johnston, 2015). No presente estudo, consideram-se dois tipos de atribuições. Por um lado, consideram-se as atribuições parentais focadas na criança, que têm em conta fatores controláveis pela mesma e intencionais (Snarr, Slep, & Grande, 2009). Por outro lado, consideram-se as atribuições focadas no adulto, que apresentam como causa fatores estáveis, globais e de traço do respondente, isto é, do pai ou da mãe (Snarr, Slep, & Grande, 2009).

Alguns estudos têm estudado a relação direta entre as atribuições parentais e o ajustamento da criança, nomeadamente, ao nível dos problemas de internalização. Diversos autores concluíram que as atribuições parentais focadas na criança predizem comportamentos de internalização nos filhos (e.g., Colalillo, Miller, & Johnston, 2015; Nelson, O'Brien, Calkins, & Keane, 2013). No mesmo sentido, num estudo de Bugental e Happaney (2014), encontrou-se evidência de que uma baixa perceção de controlo por parte dos pais relativamente ao comportamento dos filhos (e, consequentemente, realização de atribuições focadas na criança) aumenta os comportamentos de controlo e de hostilidade por parte dos pais, os quais, por sua vez, aumentam a probabilidade de sintomas de ansiedade nos filhos. Os mesmos autores constataram ainda que estes resultados não se verificavam no caso de mães que realizavam atribuições focadas no adulto (Bugental & Happaney, 2004). Para além disso, a literatura indica que, relativamente às atribuições parentais focadas na criança, quando estas se referem a causas estáveis e globais, ao invés de controláveis e intencionais, predizem maior satisfação parental e ajustamento positivo da criança (Joiner, & Wagner, 1996). Por

outro lado, alguns estudos revelam que as atribuições parentais focadas nas crianças estão relacionadas com comportamentos depressivos na adolescência (Chen, Johnston, Sheeber, & Leve, 2009; Sheeber, Johnston, Chen, Leve, Hops & Davis, 2009). No que diz respeito às atribuições focadas no adulto, num estudo com casais com um filho de sete anos, observou-se que a atribuição de responsabilidade a si própria, por parte da mãe, pelo mau comportamento do filho (atribuição focada no adulto), diminuiu a probabilidade de comportamentos de internalização e externalização dos filhos (Nelson, O'Brien, Calkins, & Keane, 2013).

Assim, a literatura indica que as atribuições parentais focadas na criança aumentam a probabilidade de problemas de internalização nos filhos, ao passo que, as atribuições parentais focadas no adulto diminuem a probabilidade de problemas de internalização nos mesmos (e.g., Colalillo, Miller, & Johnston, 2015; Nelson, O'Brien, Calkins, & Keane, 2013).

### **O Papel Mediador das Práticas Parentais**

Dix e Grusec (1985), afirmam que as atribuições parentais influenciam o ajustamento da criança porque as mesmas influenciam o estilo educativo parental. Assim, parece sugerir-se que o estilo educativo parental (que inclui as práticas parentais) se constitui como um mediador na relação entre as atribuições parentais e o ajustamento da criança.

Diversos estudos têm demonstrado que as atribuições parentais influenciam o tipo de práticas parentais que os pais têm com os seus filhos e algumas teorias defendem que as atribuições parentais determinam as respostas parentais (e.g., Dix, Ruble, Grusec, & Nixon, 1986). Nomeadamente, atribuições parentais do tipo disfuncional (atribuições traço, globais e estáveis, ou intencionais por parte da criança alvo) parecem estar

associadas a práticas parentais disfuncionais (e.g., Bugental, Blue, & Cruzcosa, 1989; Bugental, Lewis, Lin, Lyon, & Kopeikin, 1999; Larrance & Twentyman, 1983; Snarr, Slep & Grande, 2009).

Segundo Snarr, Slep & Grande (2009), atribuições maternas focadas na criança estão associadas a uma maior expressão de raiva na relação mãe-filho e a uma maior reatividade por parte da mãe, bem como a negligência materna e agressão física mãe-filho. No mesmo sentido, Solomon e Poirier (2006), afirmam que quando os comportamentos negativos dos filhos são atribuídos a traços da criança ou a fatores intencionais e voluntários da mesma, as reações dos pais são emocionalmente mais negativas e as respostas a estes comportamentos mais austeras. Para além disso, Leung e Slep (2006) verificaram que a existência de sintomas depressivos nos pais prediz atribuições parentais focadas nos pais, as quais estão relacionadas com o desligamento dos pais em relação aos filhos (Leung & Slep, 2006). Por outro lado, as atribuições parentais focadas na criança, estão relacionadas com reações exageradas e intempestivas por partes dos pais (Leung & Slep, 2006). Outros estudos vão no mesmo sentido, tendo-se encontrado associações entre as atribuições focadas na criança e reações exageradas por partes dos pais, bem como práticas de coerção, sentimentos de raiva e punição grave (e.g., Bugental & Happaney, 2004; Slep & O’Leary, 1998, citado por Sanders & Pidgeon, 2011).

Rodriguez, Cook e Jedrzejewski (2012), demonstraram que as atribuições parentais focadas na criança estão relacionadas positivamente com o uso de punição para com os filhos, mas não com a probabilidade de risco de abuso físico dos mesmos. Por outro lado, outros autores têm demonstrado que as atribuições parentais focadas na criança contribuem indiretamente para os maus tratos em relação aos filhos, através do aumento de interações pais-filho caracterizadas pelo uso de estratégias disciplinares

como ameaças, agressão física e hostilidade verbal (e.g., Azar & Weinzierl, 2005; Dix, Ruble, & Zambarano, 1989). A relação oposta parece também verificar-se, isto é, pais em risco de maltratar os filhos são mais propensos a realizar atribuições focadas na criança como justificção para um determinado comportamento dos seus filhos (Pidgeon & Sanders, 2009).

Tendo em conta a escassez de estudos acerca da relação entre atribuições parentais e práticas parentais positivas (como a ligação e regulação), considera-se pertinente estudar essa mesma relação. Para além disso, sabendo-se que o afeto negativo parental se constitui como um fator de risco para o abuso físico dos filhos por parte dos pais (Mammen, Kolko, & Pilkonis, 2002) e que comportamentos parentais como pouco acompanhamento parental, uso inconsistente de disciplina e punição física estão associados com um aumento do risco de comportamentos agressivos por partes dos filhos (Yaros, Lochman, & Wells, 2015), considera-se pertinente investigar a relação entre atribuições parentais disfuncionais e práticas parentais negativas.

No que concerne à relação entre práticas parentais e problemas de internalização, a investigação tem demonstrado, de forma consistente, que as práticas parentais têm um papel importante no desenvolvimento de sintomas de internalização. Por exemplo, vários autores têm demonstrado que práticas parentais do tipo autoritário conduzem a um maior número de problemas de internalização (e.g., McLeod, Weisz, & Wood, 2007; Park, Johnston, Colalillo, & Williamson, 2016). Nomeadamente, há evidências de que crianças vítimas de abuso e agressão física desenvolvem mais sintomas de depressão e desesperança, bem como mais sinais de problemas de internalização (e.g., Kaufmann et al., 2000; Rodriguez, 2003; Yildirim & Roopnarine, 2015). Vários estudos têm ainda demonstrado que práticas hostis repetidas entre pais e filhos resultam num aumento de vários sintomas de internalização, tais como, *stress* psicológico, ansiedade,

sentimentos de desesperança e inutilidade nos filhos (e.g., Ge, Best, Conger, & Simons, 1996; Roopnarine, Jin, & Krishnakumar, 2014). No mesmo sentido, crianças que experienciam abuso físico são mais propensas a manifestar baixa autoestima, problemas de relacionamento com os colegas e ideação suicida (e.g., Evans, Hawton, Rodham, & Deeks, 2005; Sanders & Pidgeon, 2011; Yates, Carlson, & Egeland, 2008).

No que diz respeito a práticas parentais positivas, práticas do tipo autoritativo parecem conduzir a um melhor ajustamento da criança (e.g., Benner & Kim, 2010; Kaufmann et al., 2000; Rodriguez, 2003). Por exemplo, a aceitação parental parece estar relacionada com níveis adequados de desenvolvimento relativo à escola e aos pares, em estudantes do nono ao décimo segundo ano de escolaridade (Smetana, Campione-Barr, & Metzger, 2006). No mesmo sentido, constructos associados à aceitação parental, como o afeto e a responsividade estão associados positivamente com o desenvolvimento adaptativo da criança (Salafia, Gondoli, & Grundy, 2009). Na mesma lógica, Khaleque e Rohner (2012), demonstraram a existência de relação entre o afeto parental e uma maior competência social em crianças.

Importa referir que, de uma forma geral, a maioria dos estudos existentes tem tido um maior foco em práticas parentais consideradas negativas e a sua relação com o ajustamento da criança, encontrando-se, portanto, uma lacuna na literatura relativamente à relação entre práticas parentais positivas e o ajustamento da criança. Assim, considera-se pertinente clarificar a relação entre variáveis do estilo parental autoritativo (como a ligação e regulação), e o ajustamento da criança (nomeadamente ao nível de comportamentos de internalização).

## **Objetivos e Hipóteses**

É de referir que o presente estudo tem como objetivos testar a mediação das práticas parentais na relação entre atribuições parentais e problemas de internalização da criança e analisar as relações entre as práticas parentais, as atribuições parentais e os problemas de internalização das crianças. Pretende-se, assim, aumentar o conhecimento nesta área, que apresenta algumas lacunas. Por fim, espera-se que as conclusões retiradas possam ter um contributo significativo na área clínica, de modo a estabelecer programas que ajudem a que as relações pais-filhos sejam mais positivas.

Estabelecem-se as seguintes hipóteses:

1. As atribuições parentais focadas na criança encontram-se relacionadas de forma positiva com a coerção física e de forma negativa com a ligação e regulação.
2. As atribuições parentais focadas no adulto encontram-se relacionadas de forma negativa com a coerção física e de forma positiva com a ligação e regulação.
3. A coerção física encontra-se relacionada de forma positiva com os problemas de internalização da criança.
4. A ligação e regulação parentais encontram-se relacionadas de forma negativa com os problemas de internalização da criança.
5. As atribuições parentais focadas na criança estão relacionadas de forma positiva com os problemas de internalização da criança.
6. As atribuições parentais focadas no adulto estão relacionadas de forma negativa com os problemas de internalização da criança.

7. As práticas parentais de coerção física, ligação e regulação medeiam a relação entre as atribuições parentais (focadas no adulto e focadas na criança) e os problemas de internalização da criança.



## **Método**

### **Participantes**

O estudo foi realizado com uma amostra de 88 pais, com pelo menos um filho entre os 6 e os 12 anos. A residência dos participantes distribuía-se em 55.7% Zona Centro e 43.2% Lisboa e Vale do Tejo. Dos participantes, 81.8% eram do sexo feminino e 17% eram do sexo masculino. Relativamente à idade dos participantes, 8% tinha idade compreendida na categoria 20-30 anos, 51.1% na categoria 31-40 anos, 36.4% na categoria 41-50 anos e 3.4% na categoria 51-60 anos. Quanto à situação relacional atual, 59.1% dos participantes eram casados, 19.3% encontravam-se em coabitação conjugal, 8% eram divorciados e 12.5% não tinham relação conjugal. No que concerne ao número de filhos, 42% da amostra tinha um filho, 46.6% tinha dois filhos e 10.2% tinha três filhos. Relativamente à idade do filho-alvo, 21.6% tinha seis anos, 12.5% tinha sete anos, 9.1% oito anos, 10.2% nove anos, 12.5% dez anos, 12.5% tinha onze anos, e 20.5% tinha doze anos. No que diz respeito à escolaridade dos participantes, 3.4% tinha cinco a seis anos de escolaridade, 18.2% sete a nove anos de escolaridade, 45.5% dez a doze anos de escolaridade, 3.4% frequentavam o ensino superior e 28.4% terminaram o ensino superior. No que concerne ao rendimento mensal da família, 11.6% detinha um rendimento mensal inferior a mil euros, enquanto que 81.8% tinha um rendimento mensal superior ou igual a mil euros.

### **Procedimento**

A amostra total de participantes foi obtida através da recolha de dados para três estudos, com objetivos distintos. Para a recolha dos dados da amostra aqui estudada, os participantes foram selecionados através de escolas e paróquias. Em alguns casos aplicou-se o método bola de neve. Aos participantes que aceitaram participar foram entregues e depois recolhidos dois protocolos (para a mãe e para o pai) ou apenas um

(para a mãe), sendo referida a importância de preenchimento individual. Os participantes devolveram os protocolos em envelopes fechados. A fim de clarificar eventuais dúvidas, o contato dos investigadores foi facultado. Os questionários eram anónimos e assegurava-se a utilização dos dados apenas para fins da investigação.

## **Instrumentos**

*Questionário de Dimensões e Estilos Parentais* (QDEP; Robinson, Mandleco, Olsen, & Hart, 2001; versão portuguesa de Pedro, Carapito, & Ribeiro, 2007). O QDEP é um instrumento de autorrelato composto por 32 itens cotados numa escala de Likert de 5 pontos, variando de (0) Nunca a (5) Sempre. O QDEP é composto por três escalas que pretendem avaliar os três estilos parentais propostos por Baumrind (1971): estilo autoritativo, estilo autoritário e estilo permissivo. A escala do estilo autoritativo é constituída por três subescalas, Ligação, Regulação e Autonomia, cada uma com 5 itens. A escala do estilo autoritário é também constituída por três subescalas, coerção física, hostilidade verbal e punição, cada uma com 4 itens. No presente estudo, apenas foram utilizadas as subescalas de coerção física (e.g., “Castigo fisicamente o meu filho para o disciplinar”), ligação (e.g., “Encorajo o meu filho a falar dos seus problemas”) e regulação (e.g., “Explico ao meu filho os motivos porque deve cumprir as regras”). Valores elevados em cada uma das subescalas indicam um uso mais frequente das práticas parentais correspondentes a cada uma. Os valores de consistência interna para cada uma das subescalas revelaram-se aceitáveis para fins de investigação ( $\alpha$  Coerção física = .65;  $\alpha$  Ligação = .65;  $\alpha$  Regulação = .78).

*Questionário de Capacidades e de Dificuldades – SDQ* (Goodman, 1997; versão portuguesa de Fleitlich, Loureiro, Fonseca, & Gaspar, 2004). O SDQ é um instrumento composto por 25 itens que pretende avaliar o ajustamento psicológico de crianças e adolescentes. O SDQ é constituído por cinco escalas, cada uma com 5 itens:

sintomas emocionais, problemas de comportamento, hiperatividade, problemas de relacionamento com os colegas e competências sociais. Os itens são classificados segundo uma escala tipo Likert de três pontos (“não é verdade” 0; “é um pouco verdade” 1, “é muito verdade” 2). No presente estudo, os itens das escalas sintomas emocionais (e.g., “Tem muitas preocupações, parece sempre preocupado(a)”) e problemas de relacionamento com os colegas (e.g., “Tem tendência a isolar-se, gosta de brincar sozinho(a)”) foram agrupados de modo a constituir um fator de internalização, de acordo com outros estudos recentes realizados com o SDQ (e.g., Goodman, Lamping, & Ploubidis, 2010). A consistência interna da escala de problemas de internalização revelou-se adequada para fins de investigação ( $\alpha = .67$ ).

***Parent Cognition Scale*** (PCS, Snarr, Slep & Grande, 2009; adaptação portuguesa de Fernandes, Pedro, & Narciso, 2016). O PCS é um instrumento de autorrelato, constituído por 30 itens, avaliados numa escala de Likert de 6 pontos, de 1 “sempre verdade” a 6 “nunca verdade”, que tem como objetivo avaliar em que medida os pais atribuem responsabilidade do comportamento disruptivo dos filhos à criança ou a si próprios. É pedido aos pais que assinalem em que medida concordam que as razões apresentadas para o mau comportamento das crianças são verdadeiras para o seu filho e para o comportamento dele, nos últimos dois meses. O PCS é constituído por duas subescalas: a de atribuições parentais focadas na criança, constituída por dez itens que atribuem o comportamento da criança a fatores controláveis pela mesma (e.g., “O meu filho não me ouve”), e a de atribuições parentais focadas no adulto, também com dez itens que atribuem o comportamento do filho a características estáveis e globais dos pais (e.g., “Eu não sou paciente”). Os restantes dez itens do instrumento referem-se à atribuição do comportamento a fatores não controláveis pela criança ou pelos pais, instáveis, específicos e/ou situacionais. Estes últimos dez itens foram construídos como

distratores, de modo a diminuir conjuntos de resposta. Ambas as subescalas revelaram valores adequados de consistência interna (atribuições parentais focadas na criança  $\alpha = .89$ ; atribuições parentais focadas no adulto  $\alpha = .84$ ).

**Dados sociodemográficos.** Com base num questionário sociodemográfico elaborado para o presente estudo e também para o projeto mais abrangente, os participantes forneceram informações sociodemográficas, como o género, idade, ano de escolaridade, vencimento mensal fixo, situação familiar, número de filhos, entre outras.

### **Análises Estatísticas**

As relações entre as variáveis em estudo foram analisadas com base no *software* SPSS versão 22.0, recorrendo-se ao coeficiente de correlação de *Pearson*. A macro PROCESS para o SPSS (Hayes, 2013) foi usada para examinar o papel mediador das práticas parentais na relação entre as atribuições parentais (focadas na criança e focadas no adulto) e os problemas de internalização da criança. Intervalos de confiança de 95%, para os efeitos indiretos, que não contenham zero são indicadores de efeitos de mediação estatisticamente significativos. O método de *bootstrap* com recurso a 5000 amostras foi utilizado para estimar um intervalo de confiança de 95% para os efeitos indiretos.

## Resultados

### Análises Descritivas e Correlações

No Quadro 1 apresentam-se as correlações entre as variáveis em estudo, calculadas através do coeficiente de correlação de *Pearson*, bem como as estatísticas descritivas (médias e desvios-padrão).

Quadro 1

*Correlações entre as variáveis em estudo (N=88)*

Variáveis		1.	2.	3.	4.	5.	6.
Atribuições parentais	1.Focadas na criança	-					
	2.Focadas no adulto	-.71**	-				
Práticas Parentais	3.Coerção física	.39**	-.21	-			
	4.Regulação	-.29**	.36**	-.27*	-		
	5.Ligação	-.20	.29**	-.42**	.60**	-	
Ajustamento da criança	6.Problemas de internalização	.44**	-.32**	.40**	-.26*	-.12	-
Média		2.34	5.05	1.53	4.09	4.42	1.25
Desvio-padrão		.97	.83	.56	.62	.50	.23

Nota. \*  $p < .05$ ; \*\*  $p < .01$

Através da análise das correlações verificou-se que, de uma forma geral, os resultados vão ao encontro do padrão de relações esperado entre as variáveis.

Relativamente às atribuições parentais, verificou-se que as atribuições parentais focadas na criança se encontram negativamente correlacionadas com as atribuições focadas no adulto. Observou-se ainda que as atribuições focadas na criança se encontram positivamente associadas à coerção física e negativamente correlacionadas com a regulação parental, ao passo que as atribuições focadas no adulto se encontram positivamente correlacionadas com a regulação e com a ligação.

No que diz respeito às práticas parentais, os resultados indicaram uma correlação negativa entre a coerção física e a regulação, e entre a coerção física e a ligação, bem como uma correlação positiva entre a ligação e a regulação. Por último, verificou-se que os problemas de internalização da criança se encontram positivamente associados à coerção física e às atribuições focadas na criança, e negativamente correlacionados com a regulação e com as atribuições focadas no adulto.

### **O Papel Mediador das Práticas Parentais: Coerção Física, Regulação e Ligação**

Nas figuras 1 e 2 são apresentados os dois modelos de mediação através das práticas parentais, para as atribuições focadas na criança (Figura 1) e para as atribuições focadas no adulto (Figura 2), indicando-se o valor dos efeitos e respetivo nível de significância.

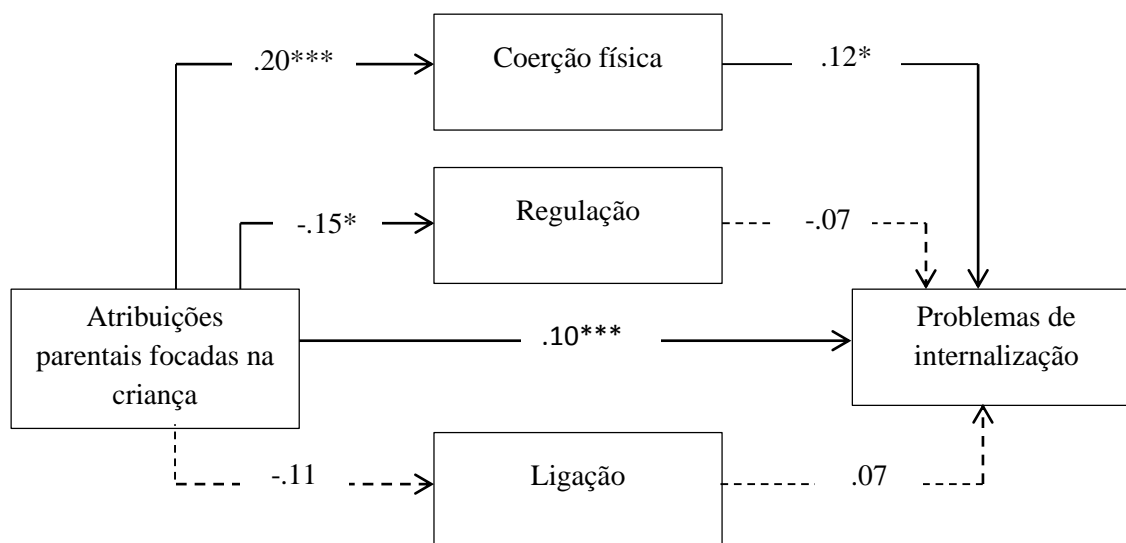


Figura 1. Modelo 1 de mediação através das práticas parentais, na relação entre as atribuições parentais focadas na criança e os problemas de internalização da criança. \*  $p < .05$ ; \*\*  $p < .01$ ; \*\*\*  $p < .001$ .

Relativamente ao Modelo 1 (Figura 1), os resultados mostraram a existência de efeitos diretos entre as atribuições parentais focadas na criança e as práticas parentais de coerção física ( $\beta = .20$ ,  $p < .001$ ) e regulação ( $\beta = -.15$ ,  $p < .05$ ). Foram ainda visíveis efeitos diretos entre a coerção física e os problemas de internalização da criança ( $\beta = .12$ ,  $p < .05$ ). Os resultados indicaram ainda a existência de efeitos diretos entre as atribuições focadas na criança e os problemas de internalização da criança ( $\beta = .10$ ,  $p < .01$ ). Quanto aos efeitos indiretos, foram observados efeitos indiretos entre as atribuições parentais focadas na criança e os problemas de internalização da criança através da coerção física ( $\beta = .02$ ,  $CI = .004/.05$ ), mas não através da regulação ( $\beta = .01$ ,  $CI = -.002/.04$ ) e da ligação ( $\beta = -.02$ ,  $CI = -.04/.003$ ).

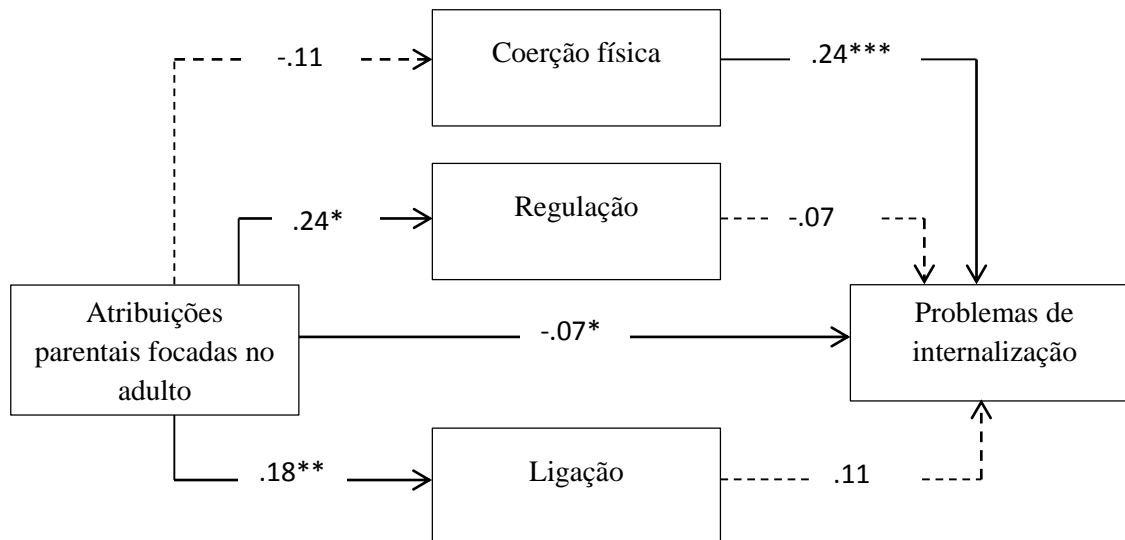


Figura 2. Modelo 2 de mediação através das práticas parentais, na relação entre as atribuições parentais focadas no adulto e os problemas de internalização da criança. \*  $p < .05$ ; \*\*  $p < .01$ ; \*\*\*  $p < .001$ .

No que diz respeito ao Modelo 2 (Figura 2), verificaram-se efeitos diretos entre as atribuições parentais focadas no adulto e as práticas parentais de regulação ( $\beta = .24$ ,  $p < .01$ ) e ligação ( $\beta = .18$ ,  $p < .01$ ), bem como entre a coerção física e os problemas de internalização da criança ( $\beta = .17$ ,  $p < .001$ ). Encontraram-se ainda efeitos diretos entre as atribuições parentais focadas no adulto e os problemas de internalização da criança ( $\beta = -.07$ ,  $p < .05$ ). Relativamente aos efeitos indiretos, os resultados mostraram a ausência de efeitos indiretos entre as atribuições parentais focadas no adulto e os problemas de internalização da criança através da coerção física ( $\beta = -.08$ ,  $CI = -.20/.007$ ), através da ligação ( $\beta = .08$ ,  $CI = -.0001/.29$ ) e da regulação ( $\beta = -.07$ ,  $CI = -.23/.02$ ).



## **Discussão**

A presente investigação teve como principal objetivo explorar as relações entre atribuições parentais, práticas parentais e problemas de internalização das crianças. Pretendeu-se ainda testar o papel mediador das práticas parentais na relação entre atribuições parentais e problemas de internalização das crianças.

### **Atribuições Focadas na Criança e no Adulto e Práticas Parentais**

No que diz respeito às primeiras duas hipóteses deste estudo, referentes à relação entre atribuições e práticas parentais, verificou-se que as mesmas foram parcialmente confirmadas. Mais concretamente, constatou-se que, tal como previsto, as atribuições parentais focadas na criança se encontravam relacionadas de forma positiva com a prática de coerção física por parte dos pais, o mesmo não acontecendo para as atribuições focadas no adulto, para as quais não foi encontrada uma relação significativa com a coerção física. Os resultados obtidos vão ao encontro da literatura, confirmando que quando os pais atribuem um determinado mau comportamento do filho a fatores internos e estáveis da criança (e.g., “O meu filho é teimoso”), reagem emocionalmente de forma mais negativa e de modo mais austero (e.g., Leung & Slep, 2006; Solomon & Poirier, 2006). No mesmo sentido, outros estudos indicam a existência de uma relação positiva entre as atribuições focadas na criança e práticas de coerção, sentimentos de raiva e punição grave (e.g., Bugental & Happaney, 2004; Rodriguez, Cook, & Jedrzewski, 2012; Slep & O’Leary, 1998, citado por Sanders & Pidgeon, 2011). Segundo alguns autores, esta relação parece ocorrer pelo facto de que, quando os pais atribuem responsabilidade à criança pelos maus comportamentos da mesma, podem julgar, por um lado, que a criança se comportou de forma desadequada propositadamente, de forma a provocar os progenitores, ou, por outro lado, que é uma característica traço da criança, julgando-a de forma mais negativa e, consequentemente,

exercendo práticas parentais fisicamente mais punitivas (Bugental & Happaney, 2004; Sanders & Pidgeon, 2011; Rodriguez, Cook, & Jedrzewski, 2012; Solomon & Poirier, 2006). É ainda de salientar que os resultados encontrados são congruentes com estudos sobre maus tratos na infância (e.g., Azar & Weinzierl, 2005; Dix, Ruble, & Zambarano, 1989; Pidgeon & Sanders, 2009) que indicam que as atribuições parentais focadas na criança aumentam a coerção física. Por exemplo, alguns autores têm demonstrado que este tipo de atribuições contribui indiretamente para os maus tratos dos pais em relação aos filhos, através do aumento de interações pais-filhos caracterizadas pelo uso de ameaças, punição física e hostilidade verbal (e.g., Azar & Weinzierl, 2005; Dix, Ruble, & Zambarano, 1989). Para além disso, pais em risco de maltratar os filhos são mais propensos a realizar atribuições focadas nas crianças (Pidgeon & Sanders, 2009).

Relativamente às atribuições parentais focadas no adulto e à sua relação com a coerção física, ao contrário do esperado, os resultados não foram significativos. Assim, a hipótese de que este tipo de atribuições está associado a uma diminuição da prática de coerção física, não foi confirmada. Seria de esperar uma relação negativa significativa entre este tipo de atribuições e a coerção física, uma vez que as atribuições focadas no adulto estão relacionadas com sintomas depressivos nos pais, os quais conduzem a um desligamento dos pais em relação aos filhos (Leung & Slep, 2006). Este desligamento é caracterizado por uma menor responsividade relativamente ao mau comportamento do filho e atenção dada a esse mesmo comportamento, diminuindo assim as práticas parentais negativas (Leung & Slep, 2006).

No que diz respeito à relação entre as atribuições parentais e as práticas parentais positivas, estabeleceu-se a hipótese de que as atribuições parentais focadas no adulto estariam relacionadas de forma positiva com a ligação e regulação, enquanto que as atribuições parentais focadas na criança estariam relacionadas de forma negativa com a

ligação e regulação. Assim, encontrou-se uma relação negativa entre as atribuições parentais focadas na criança e a regulação, sugerindo que quanto mais atribuições centradas na criança menor a regulação que os pais fazem do comportamento dos seus filhos, sendo esta regulação do comportamento, segundo alguns autores, essencial para a posterior autorregulação da criança (e.g., Barroso, 2011). Este resultado contribui para a literatura que indica que as atribuições parentais focadas na criança predizem práticas parentais mais austeras e negativas (e.g., Bugental, Blue, & Cruzcosa, 1989; Bugental, Lewis, Lin, Lyon, & Kopeikin, 1999; Larrance & Twentyman, 1983; Snarr, Slep & Grande, 2009), sugerindo que, quando os pais têm este tipo de atribuições centradas na criança, para além de tenderem a recorrer a práticas parentais mais punitivas fisicamente, parecem também diminuir a regulação do comportamento da criança, isto é, por exemplo, explicar os motivos da necessidade de cumprir regras ou explicar ao filho as consequências das suas próprias ações. Por outro lado, verificou-se uma relação positiva entre as atribuições parentais focadas no adulto e a regulação e ligação. No mesmo sentido, sabe-se que as atribuições parentais focadas no adulto diminuem as práticas parentais negativas, justificando-se esta relação com os sintomas depressivos nos pais e consequente desligamento dos pais em relação aos filhos (Leung & Slep, 2006). Este desligamento, tal como referido anteriormente, é caracterizado por uma menor responsividade face a comportamentos disruptivos dos filhos, bem como uma menor atenção relativamente a esses mesmos comportamentos. Assim, ainda que estas conclusões justifiquem a relação descrita, as mesmas não justificam o facto deste tipo de atribuições predizer práticas parentais positivas. Ainda que esperado que o desligamento, com as características citadas anteriormente, não conduzisse a comportamentos de coerção física, como por exemplo bater, também não seria esperado que conduzisse a uma parentalidade mais positiva (e.g., uso de elogios, empatia,

reforço). Por outro lado, poderá hipotetizar-se que, sabendo que quando os pais não atribuem a responsabilidade do comportamento à criança, mas sim a eles próprios, a probabilidade de surgirem sentimentos de raiva e reações mais austeras diminui, potenciando, pelo contrário, reações mais positivas de modo a tentar compensar o fracasso que consideram ser o seu modo de exercer a parentalidade. Isto é, sabendo-se que este tipo de atribuições conduz a sintomas depressivos e que os mesmos parecem dever-se à atribuição dos comportamentos disruptivos dos filhos a características globais e estáveis dos pais, pode estabelecer-se a hipótese de que, considerando-se incompetentes a disciplinar os seus filhos, tentem compensar o seu fracasso a esse nível com práticas positivas de parentalidade. Realça-se, contudo, a necessidade de estudos que analisem a natureza da relação entre atribuições parentais focadas no adulto e práticas parentais.

### **A Relação entre as Práticas Parentais de Coerção Física, Ligação e Regulação, e os Problemas de Internalização da Criança**

No que concerne à terceira e quarta hipótese, relativas à relação entre as práticas parentais e a existência de sintomas de internalização, verificou-se, de acordo com o esperado, uma relação positiva entre a coerção física e os problemas de internalização das crianças. Este resultado é congruente com estudos anteriores que indicam que a punição física está associada a um aumento de perturbações de internalização (e.g., Kaufmann et al., 2000; Yildirim & Roopnarine, 2015), e que crianças que são alvo de abuso físico são mais propensas a manifestar baixa autoestima, problemas de relacionamento com os colegas, baixa competência social, comportamentos auto-lesivos e ideação suicida (e.g., Bolger, Patterson, & Kupersmidt, 1998; Evans, Hawton, Rodham, & Deeks, 2005; Sanders & Pidgeon, 2011; Yates, Carlson, & Egeland, 2008).

Estes resultados acrescentam assim à literatura existente sugerindo que práticas parentais de coerção física, tais como agarrar a criança com força quando ela desobedece, aplicar castigos físicos como forma de disciplina (“Castigo fisicamente o meu filho para o disciplinar”), embora distintas de uma agressão física, poderão igualmente estar associadas a sintomas de internalização, nomeadamente ansiedade, depressão e dificuldades de relacionamento com os colegas. É ainda de salientar que o presente estudo foi realizado com uma amostra de famílias normativas, pelo que estes resultados mostram que estes padrões disfuncionais (uso da coerção física, conduzindo a problemas de internalização na criança) não acontecem só em famílias multidesafiadas. Às famílias multidesafiadas, caracterizadas pela instabilidade, desorganização, estilos parentais autoritários ou permissivos e diminuída capacidade de resposta face às necessidades dos filhos (Alarcão, 2006), a literatura associa uma maior probabilidade de existência de padrões disfuncionais na relação pais-filhos (e.g., Silva, 2013; Vergas, 2012). Assim, estes resultados são um indicador pertinente da existência de associação entre a coerção física e os problemas de internalização da criança, também em famílias normativas. Relativamente às práticas parentais positivas, os resultados foram também ao encontro do esperado, tendo-se observado uma associação negativa entre a regulação parental e os problemas de internalização das crianças, consistente com a literatura sobre o comportamento parental. Várias evidências empíricas comprovam que o estilo parental autoritativo (no qual se insere a dimensão de regulação do comportamento da criança, avaliada no presente estudo) é preditor de níveis mais elevados de ajustamento infantil (Maccoby, 1992), nomeadamente por conduzir à própria autorregulação da criança (Barroso, 2011), e diversos estudos têm indicado que a presença aceitação, afeto e responsividade parentais estão associados a um melhor ajustamento da criança (e.g., Khaleque & Rohner, 2012; Salafia, Gondoli, &

Grundy, 2009; Smetana, Campione-Barr, & Metzger, 2006). Mais concretamente, os resultados deste estudo indicam que quando os pais tentam regular o comportamento da criança através de práticas como realçar os motivos das regras, explicar as consequências do comportamento à criança ou como se sentem quando a criança se comporta de forma adequada ou desadequada, dá-se uma diminuição de sintomas de internalização. Ainda que não existam, concretamente, estudos sobre esta dimensão parental e internalização, uma possível explicação para este resultado prende-se com o facto de a regulação do comportamento da criança conduzir à própria autorregulação da criança, diminuindo, por um lado, comportamentos desafiantes e manipuláveis (Barroso, 2011) e, por outro aumentando a regulação emocional, a qual diminui a probabilidade de sintomas de ansiedade e de problemas de relacionamento com os colegas, por exemplo. É de salientar ainda que a regulação se constitui como tarefa fulcral em crianças em idade escolar (Alarcão, 2006), o que pode justificar também este padrão de resultados. Ainda assim, a natureza desta relação é um ponto fundamental de estudo para próximas investigações.

Importa ainda salientar que, contrariamente ao previsto, a dimensão de ligação não se encontrou significativamente relacionada com os problemas de internalização. Atentando à dimensão ligação, onde se inserem questões como o conforto, elogios e afetividade, sabe-se que esta se encontra relacionada com a necessidade de promover relacionamento interpessoais positivos, entre os quais experiências de vinculação consistentes e estáveis com os pais, de modo a que a criança venha a possuir competências sociais e também para que possa sentir o mundo como seguro e previsível (Barroso, 2011). Assim, esperava-se que esta dimensão conduzisse a uma menor probabilidade de problemas de internalização. Uma possível justificação para este resultado prende-se com as características das crianças em idade escolar (6-12 anos) e da

relação esperada entre pais e crianças desta faixa etária. Para a criança, a entrada na escola primária traz a promessa de uma mudança de estatuto, bem como uma aproximação ao mundo e ao poder dos adultos. Consequente, comporta uma promessa de autonomia, que, em parte, acaba por compensar o medo que a separação (parcial) dos pais pode encerrar. Assim, ainda que os pais continuem a proteger os seus filhos e a apoiá-los nas suas angústias, têm que lhes ir dando cada vez mais autonomia (cada vez mais solicitada pelos filhos. (Alarcão, 2006). Tendo esta noção em conta, bem como as características da dimensão ligação, pode colocar-se a hipótese de que, procurando mais autonomia e apoiando-se noutras relações significativas, como com os pares, a ligação por parte dos pais (e.g., afeto parental, conforto) possa exercer uma influência mais diminuída que outras dimensões (e.g., regulação).

### **Atribuições Parentais e Problemas de Internalização da Criança**

Os resultados permitiram ainda confirmar as hipóteses referentes à relação entre as atribuições parentais e os problemas de internalização da criança (Hipótese 5 e 6), de acordo com a investigação que demonstra, por um lado, que as atribuições parentais focadas na criança predizem sintomas de internalização dos filhos (e.g., Colalillo, Miller, & Johnston, 2015; Nelson, O'Brien, Calkins, & Keane, 2013) e que, por outro lado, a existência de atribuições parentais focadas no adulto diminui a probabilidade de ocorrência de perturbações de internalização (Nelson, O'Brien, Calkins, & Keane, 2013). Dix e Grusec (1985), concluíram que as atribuições parentais influenciam o desenvolvimento da criança porque as mesmas influenciam o estilo educativo parental, o qual influencia as práticas parentais. Assim, a relação entre atribuições parentais focadas na criança e problemas de internalização da criança parece ser justificada por um aumento de raiva e hostilidade relativamente aos filhos quando as atribuições são focadas nos mesmos (e.g., Leung & Slep, 2006; Solomon & Poirier, 2006). Quanto às

atribuições parentais focadas no adulto, o resultado encontrado parece justificar-se pelo facto das atribuições parentais deste tipo conduzirem a sintomas depressivos no adulto, os quais conduzem a um desligamento dos pais em relação aos filhos, diminuindo assim as práticas parentais negativas e, conseqüentemente, diminuindo a probabilidade de problemas de internalização.

### **O Papel Mediador das Práticas Parentais**

De uma forma geral, os resultados corroboraram parcialmente a hipótese de que as práticas parentais funcionariam como mediador na relação entre as atribuições parentais e os problemas de internalização da criança (Hipótese 7). Mais concretamente, verificou-se a existência de mediação na relação entre atribuições parentais focadas na criança e problemas de internalização, mas apenas através da coerção física. Por outras palavras, as atribuições focadas na criança estão associadas a uma maior probabilidade de práticas de coerção física por parte dos pais, o que, por sua vez, parece estar associado a um aumento de ansiedade, depressão e dificuldades de relacionamento com os pares, por parte da criança. É de salientar ainda que Dix e Grusec (1985), no seu estudo, concluíram que as atribuições parentais influenciam o desenvolvimento da criança porque as mesmas influenciam o estilo educativo parental. Este dado vai no sentido das hipóteses e conclusões, no sentido de propor a existência de uma relação de mediação entre as atribuições parentais e o ajustamento da criança, através das práticas parentais. No que diz respeito às variáveis ligação e regulação, não se encontrou relação significativa de mediação a partir das mesmas, ao contrário do esperado. Pode hipotetizar-se que práticas parentais positivas não exercem uma influência tão significativa como práticas parentais negativas. Isto é, que o que influencia preferencialmente a relação entre atribuições parentais e problemas de internalização da criança não é tanto a existência de práticas de ligação (que como vimos anteriormente



parece exercer uma menor influência no ajustamento das crianças desta faixa etária) e regulação, mas sim, a de práticas parentais negativas, como o bater, agarrar, castigar fisicamente (coerção física).

No que concerne às atribuições parentais focadas no adulto, não foi encontrada relação de mediação através das práticas parentais. Relativamente às práticas parentais positivas (regulação, ligação), pode estabelecer-se a hipótese referida acima, isto é, que as práticas parentais positivas exercem uma menor influência que as negativas na relação entre atribuições parentais e práticas parentais. No que diz respeito à coerção física, esperava-se encontrar uma relação de mediação, isto é, que este tipo de atribuições conduzissem a um menor número de práticas parentais negativas (segundo alguns autores, devido ao desligamento dos pais em relação aos filhos), que por sua vez conduziriam a menor número de problemas de internalização. Não se ter encontrado um resultado significativo pode dever-se a alguma questão metodológica, a qual não se consegue precisar.

Os resultados encontrados apresentam-se como um contributo à literatura já existente, que indica que as atribuições parentais focadas na criança estão relacionadas com uma maior probabilidade de existência de comportamentos de internalização nos filhos (Nelson, O'Brien, Calkins, & Keane, 2013), acrescentando que estas relações são ainda mediadas pela coerção física. Por fim, é de salientar que uma intervenção ao nível das práticas parentais parece beneficiar preferencialmente de um foco na diminuição de práticas parentais negativas do que propriamente no aumento de práticas parentais positivas.

O presente estudo contribuiu para uma melhor compreensão da relação as atribuições parentais e a existência de problemas de internalização da criança,

considerando o papel mediador de três tipos de práticas parentais: coerção física, regulação e ligação. Acrescentou ainda informação relativamente à relação entre atribuições parentais e práticas parentais positivas, bem como entre práticas parentais positivas e problemas de internalização da criança. Sendo estes problemas de internalização bastante prevalentes em crianças (e.g., Aronen & Soininen, 2000; Clarke-Stewart, Allhusen, McDowell, Thelen, & Call, 2003; McLeod, Weisz e Wood, 2007), o seu estudo e das variáveis que a eles se relacionam, torna-se um ponto essencial de investigação.

### **Limitações, Implicações Clínicas e Estudos Futuros**

Porém, este estudo apresenta algumas limitações. Em primeiro lugar, a taxa de resposta foi inferior à esperada, conseguindo-se uma amostra reduzida (N=88). Tal poderá ter sido devido ao facto de o protocolo ser um pouco extenso. Ainda relativamente à amostra, a inexistência de um grupo de controlo constitui-se também como uma limitação. Outra limitação prende-se com a utilização, somente, de medidas de autorrelato, aumentando a probabilidade de os resultados terem sido enviesados por respostas de desejabilidade social (*facking good* e/ou *facking bad*) ou respostas ao acaso. Ainda relativamente à utilização destas medidas, teria sido benéfico a participação dos filhos, preenchendo instrumentos de autorrelato relativamente aos problemas de internalização, permitindo comparar resultados entre pais e filhos. Acrescenta-se o facto de o preenchimento dos protocolos ter sido realizado em contexto de domicílio, sem a presença dos investigadores, o que não permitiu garantir uma resposta individual e separada entre os membros do casal. Por outro lado, o facto de ser um estudo transversal e realizado com uma população residente apenas numa área do país impossibilita averiguar causalidade entre as variáveis em estudo, por um lado, e a

generalização dos dados a indivíduos com características distintas dos da presente amostra.

Assim, estudos futuros nesta área beneficiariam de um desenho longitudinal e com uma amostra mais representativa, bem como da introdução de um grupo de controlo. Para além disso, o uso de instrumentos de medida de preenchimento pelos filhos, poderia ajudar a compreender melhor a natureza das relações encontradas. Poderia ser pertinente a introdução da moderação do género da criança e dos pais, de modo a entender se existiriam diferenças. A inserção de um grupo de famílias com vulnerabilidade socio económica permitiria uma comparação entre grupos, o que possivelmente traria resultados interessantes. Por fim, a presente investigação beneficiaria de um formato misto, acrescentando-se, por exemplo, entrevistas com pais e crianças, de modo a compreender melhor as atribuições que os pais realizam e as práticas parentais a que recorrem. Por exemplo, seria importante compreender a diferença entre dar uma bofetada esporadicamente e utilizar a coerção física frequentemente e com uma intensidade superior, diferença esta que o presente estudo não permite compreender.

O presente estudo apresenta ainda algumas implicações clínicas relevantes para a prática com famílias. Nomeadamente, tendo em conta a relação de mediação encontrada, bem como a relação entre atribuições parentais, práticas parentais e problemas de internalização da criança, ressalta-se a importância de trabalhar ao nível das práticas parentais e atribuições parentais. Assim, trabalhando com as famílias no sentido de alterar as práticas parentais utilizadas, pode romper-se padrões disfuncionais (práticas parentais disfuncionais que conduzem a problemas de ajustamento da criança). Para além disso, mostra-se fulcral incidir sobre as atribuições que os pais fazem acerca do mau comportamento dos filhos, dada a implicação comprovada ao nível do

ajustamento dos mesmos. Sabendo que as atribuições parentais disfuncionais conduzem a práticas parentais negativas e que estas conduzem a um aumento de probabilidade de comportamentos de internalização das crianças, indica-se um caminho palpável no qual psicólogos poderão trabalhar. Por último, é de realçar o facto de estes resultados terem sido encontrados em famílias ditas normativas, indicando que as relações encontradas não o são apenas em famílias multidesafiadas. Assim, este estudo contribui, por um lado, para a literatura existente e, por outro enfatiza a importância de se trabalhar não só ao nível de famílias ditas multidesafiadas, nas quais são mais expectáveis de encontrar este tipo de resultados.

## Referências Bibliográficas

- Alarcão, M. (2006). *(Des)equilíbrios familiares*. (3ª ed.) Coimbra: Quarteto Editora.
- American Psychological Association. (2010). *Publication manual of the American psychological association*. Washington DC: American Psychological Association.
- Aronen, E. T., & Soininen, M. (2000). Childhood depressive symptoms predict psychiatric problems in young adults. *Canadian Journal of Psychiatry*, 45, 465-470.
- Azar, S. T., & Weinzierl, K. M. (2005). Child maltreatment and childhood injury research: A cognitive behavioral approach. *Journal of Pediatric Psychology*, 30, 598-614.
- Barroso, R. (2011). O controlo e a disciplina na regulação do comportamento de crianças e jovens. *Psicologia, Educação e Cultura*, 15, 245-256.
- Baumrind, D. (1971). Current patterns of parental authority. *Developmental psychology*, 4(1p2), 1-103.
- Benner, A. D., & Kim, S. Y. (2010). Understanding Chinese American adolescents' developmental outcomes: Insights from the family stress model. *Journal of research on Adolescence*, 20, 1-12.
- Bolger, K. E., Patterson, C. J., & Kupersmidt, J. B. (1998). Peer relationships and self-esteem among children who have been maltreated. *Child development*, 69, 1171-1197.
- Bornstein, M. H., Putnick, D. L., & Lansford, J. E. (2011). Parenting attributions and attitudes in cross-cultural perspective. *Parenting*, 11, 214-237.

- Bugental, D. B., Blue, J., & Cruzcosa, M. (1989). Perceived Control Over Caregiving Outcomes: Implications for Child Abuse. *Developmental Psychology*, 25, 532-539.
- Bugental, D. B., & Happaney, K. (2004). Predicting Infant Maltreatment in Low-Income Families: The Interactive Effects of Maternal Attributions and Child Status at Birth. *Developmental Psychology*, 40, 234-243.
- Bugental, D. B., Lewis, J. C., Lin, E., Lyon, J., & Kopeikin, H. (1999). In Charge But Not in Control: The Management of Teaching Relationships by Adults With Low Perceived Power. *Developmental Psychology*, 35, 1367-1378.
- Burlew, A. K., Johnson, C., Smith, S., Sanders, A., Hall, R., Lampkin, B., & Schwaderer, M. (2013). Parenting and problem behaviors in children of substance abusing parents. *Child and Adolescent Mental Health*, 18, 231-239.
- Chen, M., Johnston, C., Sheeber, L., & Leve, C. (2009). Parent and adolescent depressive symptoms: The role of parental attributions. *Journal of abnormal child psychology*, 37, 119-130.
- Clarke-Stewart, K. A., Allhusen, V. D., McDowell, D. J., Thelen, L., & Call, J. D. (2003). Identifying psychological problems in young children: How do mothers compare with child psychiatrists?. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 23, 589-624.
- Colalillo, S., Miller, N. V., & Johnston, C. (2015). Mother and Father Attributions for Child Misbehavior: Relations to Child Internalizing and Externalizing Problems. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 34, 788.
- Dix, T. H., & Grusec, J. E. (1985). Parent attribution processes in the socialization of children. *Parental belief systems: The psychological consequences for children*, 201-233.

- Dix, T., Ruble, D. N., Grusec, J. E., & Nixon, S. (1986). Social cognition in parents: Inferential and affective reactions to children of three age levels. *Child Development*, 57, 879-894.
- Dix, T., Ruble, D. N., & Zambarano, R. J. (1989). Mothers' implicit theories of discipline: Child effects, parent effects, and the attribution process. *Child Development*, 1373-1391.
- Evans, E., Hawton, K., Rodham, K., Psychol, C., & Deeks, J. (2005). The prevalence of suicidal phenomena in adolescents: a systematic review of population-based studies. *Suicide and Life-Threatening Behavior*, 35, 239-250.
- Fleitlich, B., Loureiro, M., Fonseca, A., & Gaspar, F. (2005). Questionário de capacidades e dificuldades (SDQ-Por) [*Strenghts and difficulties questionnaire, Portuguese version*].
- Garber, J., & Flynn, C. (2001). Predictors of depressive cognitions in young adolescents. *Cognitive Therapy and Research*, 25, 353-376.
- Garber, J., & Flynn, C. (2001). Predictors of depressive cognitions in young adolescents. *Cognitive Therapy and Research*, 25, 353-376.
- Ge, X., Best, K.M., Conger, R.D., & Simons, R.L. (1996). Parenting behaviors and the occurrence and co-occurrence of adolescent depressive aymptoms and conduct problems. *Developmental Psychology*, 32, 717-731.
- Goodman, R. (1997). The Strengths and Difficulties Questionnaire: a research note. *Journal of child psychology and psychiatry*, 38, 581-586.
- Goodman, A., Lamping, D. L., & Ploubidis, G. B. (2010). When to use broader internalising and externalising subscales instead of the hypothesised five subscales on the Strengths and Difficulties Questionnaire (SDQ): data from

- British parents, teachers and children. *Journal of abnormal child psychology*, 38, 1179-1191.
- Hayes, A. F. (2012). PROCESS: A versatile computational tool for observed variable mediation, moderation, and conditional process modeling. Retirado de <http://www.afhayes.com/>.
  - Johnston, C., Hommersen, P., & Seipp, C. M. (2009). Maternal attributions and child oppositional behavior: A longitudinal study of boys with and without attention-deficit/hyperactivity disorder. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 77, 189–195.
  - Joiner Jr, T. E., & Wagner, K. D. (1996). Parental, child-centered attributions and outcome: A meta-analytic review with conceptual and methodological implications. *Journal of abnormal child psychology*, 24, 37-52.
  - Kaufmann, B. A., Gesten, E., Santa Lucia, R. C., Salcedo, O., Rendina-Gobioff, G., & Gadd, R. (2000). The Relationship Between Parenting Style and Children's Adjustment: The Parents' Perspective. *Journal of Child and Family Studies*, 9, 231–245.
  - Khaleque, A., & Rohner, R. P. (2012). Pancultural associations between perceived parental acceptance and psychological adjustment of children and adults: A meta-analytic review of worldwide research. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 43, 784-800.
  - Lansford, J. I., Sharma, C., Malone, P. S., Woodlief, D., Dodge, K. A., Oburu, P., & ... Di Giunta, L. (2014). Corporal Punishment, Maternal Warmth, and Child Adjustment: A Longitudinal Study in Eight Countries. *Journal Of Clinical Child & Adolescent Psychology*, 43, 670-685.



- Larrance, D. T., & Twentyman, C. T. (1983). Maternal attributions and child abuse. *Journal of Abnormal Psychology*, 92, 449-457.
- Leung, D. W., & Slep, A. M. S. (2006). Predicting inept discipline: The role of parental depressive symptoms, anger, and attributions. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 74, 524.
- Maccoby, E. E. (1992). The role of parents in the socialization of children: An historical overview. *Developmental psychology*, 28, 1006-1017.
- Mammen, O. K., Kolko, D. J., & Pilkonis, P. A. (2002). Negative affect and parental aggression in child physical abuse. *Child Abuse & Neglect*, 26, 407-424.
- McLeod, B. D., Weisz, J. R., & Wood, J. J. (2007). Examining the association between parenting and childhood depression: A meta-analysis. *Clinical psychology review*, 27, 986-1003.
- Nelson, J. A., O'Brien, M., Calkins, S. D., & Keane, S. P. (2013). Mothers' and fathers' negative responsibility attributions and perceptions of children's problem behavior. *Personal Relationships*, 20, 719-727.
- Olivari, M. G., Tagliabue, S., & Confalonieri, E. (2013). Parenting Style and Dimensions Questionnaire: A review of reliability and validity. *Marriage & Family Review*, 49, 465-490.
- Park, J. L., Johnston, C., Colalillo, S., & Williamson, D. (2016). Parents' Attributions for Negative and Positive Child Behavior in Relation to Parenting and Child Problems. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology*, 1-13.
- Pedro, M. F., Carapito, E., & Ribeiro, T. (2015). Parenting Styles and Dimensions Questionnaire-the portuguese self-report version. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 28, 302-312.

- Pidgeon, A. M., & Sanders, M. R. (2009). Attributions, parental anger and risk of maltreatment. *International journal of child health and human development*, 2, 57-69.
- Robinson, C. C., Mandleco, B., Olsen, S. F., & Hart, C. H. (2001). The parenting styles and dimensions questionnaire (PSDQ). *Handbook of family measurement techniques*, 3, 319-321.
- Rodriguez, C. M. (2003). Parental Disciplina and Abuse Potential Affects on Child Depression, Anxiety, and Attributions. *Journal of Marriage and Family*, 65, 809-817.
- Rodriguez, C. M., Cook, A. E., & Jedrzewski, C. T. (2012). Reading between the lines: Implicit assessment of the association of parental attributions and empathy with abuse risk. *Child abuse & neglect*, 36, 564-571.
- Roopnarine, J. L., Jin, B., & Krishnakumar, A. (2014). Do Guyanese mothers' levels of warmth moderate the association between harshness and justness of physical punishment and preschoolers' prosocial behaviours and anger?. *International Journal of Psychology*, 49, 271-279.
- Salafia, E. H., B., Gondoli, D. M., & Grundy, A. M. (2009). The Longitudinal Interplay of Maternal Warmth and Adolescents' Self-Disclosure in Predicting Maternal Knowledge. *Journal of Research on Adolescence*, 4, 654-668.
- Sanders, M., & Pidgeon, A. (2011). The role of parenting programmes in the prevention of child maltreatment. *Australian Psychologist*, 46, 199-209.
- Sheeber, L. B., Johnston, C., Chen, M., Leve, C., Hops, H., & Davis, B. (2009). Mothers' and fathers' attributions for adolescent behavior: An examination in families of depressed, subdiagnostic, and nondepressed youth. *Journal of Family Psychology*, 23, 871-881.

- Silva, J. H. E. D. (2013). *Famílias multidesafiadas em contextos de pobreza: vulnerabilidades e forças familiares: refletindo acerca da intervenção* (Tese de doutoramento não publicada). Universidade de Lisboa, Portugal.
- Smetana, J. G., Campione-Barr, N., & Metzger, A. (2006). Adolescent development in interpersonal and societal contexts. *Annu. Rev. Psychol.*, 57, 255-284.
- Snarr, J. D., Slep, A. M. S., & Grande, V. P. (2009). Validation of a new self-report measure of parental attributions. *Psychological assessment*, 21, 390.
- Solomon, C. R., & Poirier, M. C. (2006). Parenting styles and attributions and the behavior of children in the “no” stage in adoptive and biological families. *Adoption Quarterly*, 10, 63-83.
- Verças, A. R. V. (2012). *A coparentalidade e o apoio social, em situação de rutura conjugal e o ajustamento dos filhos: estudo com famílias multidesafiadas, com filhos em idade pré-escolar* (Tese de Doutoramento não publicada). Universidade Católica, Portugal.
- Werner, N. E. (2012). Do hostile attribution biases in children and parents predict relationally aggressive behavior? *The Journal of Genetic Psychology: Research and Theory on Human Development*, 173, 221–245.
- Williamson, D., & Johnston, C. (2015). Mother and father attributions in the prediction of child behavior problems across time. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology*, 44, 668-675.
- Yaros, A., Lochman, J. E., & Wells, K. (2015). Parental aggression as a predictor of boys’ hostile attribution across the transition to middle school. *International Journal of Behavioral Development*, 40, 452-458.

- Yates, T. M., Carlson, E. A., & Egeland, B. (2008). A prospective study of child maltreatment and self-injurious behavior in a community sample. *Development and psychopathology*, 20, 651-671.
- Yildirim, E. D., & Riipnarine, J. L. (2015). The Mediating Role of Maternal Warmth in the Associations Between Harsh Parental Practices and Externalizing and Internalizing Behaviors in Hispanic American, African American, and European American Families. *Cultural Diversity and Ethnic Minority Psychology*, 21, 430-439.
- Zinzow, H., Seth, P., Jackson, J., Niehaus, A., & Fitzgerald, M. (2010). Abuse and parental characteristics, attributions of blame, and psychological adjustment in adult survivors of child sexual abuse. *Journal of child sexual abuse*, 19, 79-98.

## **ANEXOS**

---

ANEXO A

---

**Consentimento informado**

## **PROJETO DE INVESTIGAÇÃO**

A investigação, para a qual pedimos a sua colaboração, decorre no âmbito da tese de doutoramento de Mariana Barroso Fernandes, em Psicologia da Família, sob orientação científica das Professoras Doutoras Isabel Narciso e Marta Pedro, da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa. Este estudo tem como finalidade compreender o modo como os pais lidam com a **vivência da parentalidade**, considerando o comportamento dos filhos e a relação com estes.

A sua participação é voluntária e a decisão de não participar não tem qualquer consequência para si ou para os seus filhos, podendo desistir a qualquer momento se assim o desejar. Os dados recolhidos, numa única sessão de cerca de 60 minutos, são confidenciais, sendo posteriormente analisados de forma global e não individualizada. Todo o estudo decorrerá segundo os princípios éticos internacionais aplicados à investigação em Psicologia. Apenas os elementos da equipa da investigação terão acesso aos dados recolhidos.

A participação nesta investigação implica o preenchimento de um questionário sobre dados sociodemográficos e de outros questionários que abordam diversas temáticas relevantes para a parentalidade. Os participantes poderão ter acesso aos resultados gerais da investigação ou outros esclarecimentos acerca da mesma, solicitando informação através do seguinte endereço eletrónico: [mbfernandes12@gmail.com](mailto:mbfernandes12@gmail.com). Através deste contacto, os participantes poderão, se assim considerarem necessário, solicitar apoio psicológico no Serviço à Comunidade da FPUL.

**Ao aceitar a sua participação neste estudo, declara ter tomado conhecimento dos objetivos da investigação e do que lhe é pedido; participa voluntariamente e concorda que os dados sejam analisados anonimamente pelos investigadores envolvidos no estudo.**

**Grata pela sua participação!**

*O participante*

\_\_\_\_\_

Data

\_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_\_

---

**Instrumentos aplicados**



## QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

Data \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

Pense **apenas** nos seus filhos que têm entre **6 a 12 anos**, e responda relativamente ao **filho mais velho** que estiver entre os 6 e os 12 anos. *Para facilitar a leitura, a palavra “filho” será usada para designar “filho” ou “filha”.*

É muito importante que leia atentamente e **responda a todas as questões**. Deixar questões em branco inutiliza todo o questionário e impossibilita que as suas respostas sejam incluídas na investigação. **Quando não tiver a certeza acerca de um valor ou resposta, por favor, responda com dados aproximados.** Não há repostas certas ou erradas.

### 1. Sexo

☐ Feminino      ☐ Masculino

### 2. Idade

\_\_\_\_ anos

### 3. Local de Residência

\_\_\_\_\_

### 4. Escolaridade

☐ 0 a 4 anos de escolaridade

☐ 5 a 6 anos de escolaridade

☐ 7 a 9 anos de escolaridade

☐ 10 a 12 anos de escolaridade

☐ Frequência universitária

☐ Ensino Superior

☐ Outro. Qual? \_\_\_\_\_

### 6. Situação Conjugal Relacional Atual

☐ Casado(a)      Desde \_\_\_\_\_

☐ Coabitação conjugal (viver junto)      Desde \_\_\_\_\_

☐ Divorciado(a)      Desde \_\_\_\_\_

☐ Viúvo(a)      Desde \_\_\_\_\_

☐ Sem relação conjugal      Desde \_\_\_\_\_

## 7. Situação Conjugal Relacional Passada

Quantos casamentos teve anteriormente? \_\_\_\_\_

Quantas coabitações conjugais (viver junto) teve anteriormente? \_\_\_\_\_

Quantas relações anteriores terminaram por divórcio? \_\_\_\_\_

Quantas relações anteriores terminaram por separação? \_\_\_\_\_

Quantas relações anteriores terminaram por viuvez? \_\_\_\_\_

## 8. Agregado Familiar

Atualmente, habita com

\_\_\_\_\_

## 9. Tem acompanhamento psicológico ou psiquiátrico?

☐ Nunca teve

☐ Teve no passado

☐ Tem atualmente

## 10. Religiosidade

☐ Não Crente

☐ Crente

**Se é Crente, com que frequência participa em práticas religiosas?**

☐ Nunca  
Sempre

☐ Pouco Frequentemente

☐ Frequentemente

☐ Muito Frequentemente

☐

## 11. Filhos

Filhos	1º Filho	2º Filho	3º Filho	4º Filho	5º Filho
<b>Filiação</b>	<input type="checkbox"/> Biológico <input type="checkbox"/> Adotado <input type="checkbox"/> Enteadado	<input type="checkbox"/> Biológico <input type="checkbox"/> Adotado <input type="checkbox"/> Enteadado	<input type="checkbox"/> Biológico <input type="checkbox"/> Adotado <input type="checkbox"/> Enteadado	<input type="checkbox"/> Biológico <input type="checkbox"/> Adotado <input type="checkbox"/> Enteadado	<input type="checkbox"/> Biológico <input type="checkbox"/> Adotado <input type="checkbox"/> Enteadado
<b>São filhos do(a) atual companheiro(a)? Habita com...</b>	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Não se aplica _____	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Não se aplica _____	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Não se aplica _____	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Não se aplica _____	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Não se aplica _____

<b>Sexo</b> <b>Idade</b> <b>Escolaridade</b>	<input type="checkbox"/> F <input type="checkbox"/> M _____ _____	<input type="checkbox"/> F <input type="checkbox"/> M _____ _____	<input type="checkbox"/> F <input type="checkbox"/> M _____ _____	<input type="checkbox"/> F <input type="checkbox"/> M _____ _____	<input type="checkbox"/> F <input type="checkbox"/> M _____ _____
<b>Quantos dias por mês vivem consigo?</b>	_____ —	_____ —	_____ —	_____ —	_____ —
<b>Apoios</b>	<input type="checkbox"/> Escolar <input type="checkbox"/> Psicológico <input type="checkbox"/> Pedopsiquiátrico <input type="checkbox"/> Terapia da fala <input type="checkbox"/> Outro Qual? _____	<input type="checkbox"/> Escolar <input type="checkbox"/> Psicológico <input type="checkbox"/> Pedopsiquiátrico <input type="checkbox"/> Terapia da fala <input type="checkbox"/> Outro Qual? _____	<input type="checkbox"/> Escolar <input type="checkbox"/> Psicológico <input type="checkbox"/> Pedopsiquiátrico <input type="checkbox"/> Terapia da fala <input type="checkbox"/> Outro Qual? _____	<input type="checkbox"/> Escolar <input type="checkbox"/> Psicológico <input type="checkbox"/> Pedopsiquiátrico <input type="checkbox"/> Terapia da fala <input type="checkbox"/> Outro Qual? _____	<input type="checkbox"/> Escolar <input type="checkbox"/> Psicológico <input type="checkbox"/> Pedopsiquiátrico <input type="checkbox"/> Terapia da fala <input type="checkbox"/> Outro Qual? _____

## 12. Situação Financeira

a) Qual é, aproximadamente, o rendimento mensal líquido da sua família?

(após o desconto da segurança social e outros impostos)

\_\_\_\_\_ euros por mês

**NOTA IMPORTANTE:** Para além do salário relativo à sua profissão (e do salário relativo à profissão do seu cônjuge, caso seja casado(a) ou viva em união de facto), considere também, caso existam, subsídios de desemprego/por incapacidade, pensão de alimentos, dinheiro que receba de familiares/amigos, lucros de ações ou de outros investimentos, rendas de propriedades, etc.

b) Principal Fonte de Rendimento da Família

- ☐ Riqueza herdada ou adquirida
- ☐ Lucros de empresas, investimentos, ordenados bem remunerados
- ☐ Vencimento mensal fixo
- ☐ Remuneração por semana, dia, ou por tarefa
- ☐ Apoio social público (do estado) ou privado (de instituições de solidariedade)
- ☐ Apoio de familiares/amigos
- ☐ Outra fonte \_\_\_\_\_

Há sempre uma altura em que os filhos se portam mal ou fazem coisas que podem ser perigosas, que estão erradas, ou que os pais não gostam. *Por exemplo:* bater em alguém, choramingar, não arrumar o quarto, não fazer os trabalhos de casa, mentir, não querer ir para a cama, contradizer o que os pais dizem, tirar coisas que não lhes pertencem, ter um ataque de fúria, dizer asneiras, chegar a casa tarde, correr para a estrada. Os pais têm muitas maneiras diferentes de pensar sobre estes problemas, e podem pensar de forma diferente em função das características específicas dos seus filhos.

Por favor, assinale em que medida concorda que as seguintes razões para o mau comportamento das crianças são, em geral, verdadeiras, para o seu filho e para o comportamento dele, nos últimos dois meses.

Sempre Verdade	Frequentemente Verdade	Por Vezes, Verdade	Ocasionalmente Verdade	Raramente Verdade	Nunca Verdade
1	2	3	4	5	6

1. Não fui tão firme como costumo ser.	1	2	3	4	5	6
2. O meu filho não me ouve.	1	2	3	4	5	6
3. Não sou suficientemente organizado(a) com o meu filho.	1	2	3	4	5	6
4. O meu filho não consegue perceber as regras.	1	2	3	4	5	6
5. O meu filho pensa que é ele que manda.	1	2	3	4	5	6
6. Não sei como lidar com o meu filho.	1	2	3	4	5	6
7. Não dou atenção suficiente ao meu filho.	1	2	3	4	5	6
8. O meu filho é teimoso.	1	2	3	4	5	6

**QDEP** (Robinson, Mandleco, Olsen & Hart, 2001; versão portuguesa: Pedro, Carapito, & Ribeiro, 2007)

As seguintes afirmações pretendem perceber com que frequência e de que modo atua com o seu filho. Depois de escolher a sua resposta, assinale-a com um círculo.

	Nunca	Algumas vezes	Metade das vezes	Muitas vezes	Sempre
1. Sou sensível às necessidades e sentimentos do meu filho.	1	2	3	4	5
2. Castigo fisicamente o meu filho para o disciplinar.	1	2	3	4	5
3. Tenho em conta os desejos do meu filho, antes de lhe pedir que faça algo.	1	2	3	4	5
4. Quando o meu filho pergunta por que tem de obedecer, digo-lhe: “porque eu disse” ou “porque sou tua mãe e quero que o faças”.	1	2	3	4	5
5. Explico ao meu filho como me sinto quando ele se comporta bem e quando se comporta mal.	1	2	3	4	5
6. Bato ao meu filho quando ele é desobediente.	1	2	3	4	5
7. Encorajo o meu filho a falar dos seus problemas.	1	2	3	4	5
8. Acho difícil disciplinar o meu filho.	1	2	3	4	5
9. Encorajo o meu filho a expressar-se livremente mesmo quando ele não concorda comigo.	1	2	3	4	5

**(SDQ-Por)** (Goodman, 1997; versão portuguesa: Fleitlich, Loureiro, Fonseca, & Gaspar, 2004)

Encontra, de seguida, 25 frases. Para cada uma delas marque, com uma **cruz**, um dos seguintes quadrados: não é verdade; é um pouco verdade; é muito verdade. Ajuda-nos muito se responder a todas as afirmações o melhor que puder, mesmo que não tenha a certeza absoluta ou que a afirmação lhe pareça estranha. Por favor, responda com base no **comportamento do seu filho, nos últimos seis meses**.

	Não é verdade	É um pouco verdade	É muito verdade
1. É sensível aos sentimentos dos outros.			
2. É irrequieto(a), muito mexido(a), nunca pára quieto(a).			
3. Queixa-se frequentemente de dores de cabeça, dores de barriga ou vómitos.			
4. Partilha facilmente com as outras crianças (doces, brinquedos, lápis, etc).			